

O USO DA ERGOLOGIA E DA FORMAÇÃO NA HISTÓRIA DE VIDA: O CASO DA VOVÓ ANA

LUANA JÉSSICA OLIVEIRA CARMO

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)
luanajeoli@gmail.com

LÍVIA MARIA DE PÁDUA RIBEIRO

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)
livia.padua2014@gmail.com

LILIAN BAMBIRRA DE ASSIS

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)
lilianbassis@hotmail.com

FERNANDA TARABAL LOPES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
fernandatarabal@hotmail.com

O USO DA ERGOLOGIA E DA FORMAÇÃO NA HISTÓRIA DE VIDA: O CASO DA VOVÓ ANA

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho vem rememorar, reviver, ressignificar um passado que não deve ser esquecido. A História de vida da Vovó Ana vem demonstrar como é possível traçar uma ponte entre sua história, que é singular, e o coletivo, representando as muitas “vovós Ana” que almejam contar sua história. Esse ponto constitui-se no primeiro aspecto da História de vida, parte-se do desejo de alguém em querer contar sua história.

Esse trabalho apresenta o seguinte problema de pesquisa: **Como as experiências com o trabalho servem como guia para a narrativa de uma pessoa sobre sua história?** O estudo teve como objetivo geral demonstrar a partir da narrativa da História de vida da Vovó Ana, ou Dona Ana, como as experiências com o trabalho servem como guia para a narrativa de uma pessoa sobre sua história. Como objetivos específicos espera-se demonstrar que as experiências é que constituem a formação do sujeito, questionando assim a modelagem de pessoas direcionadas para o trabalho, que é a crítica de Adorno ao sistema de formação vigente, o que ele chama de semi-formação. Pela experiência vivida, o sujeito tem autonomia e condição de refletir sobre suas decisões e ser considerado um ser emancipado. Ainda como outro objetivo específico, o trabalho busca por meio de trechos da História de vida, refletir sobre a contribuição da ergologia para a análise da atividade no trabalho, o uso de si no trabalho e a distância entre trabalho prescrito e real.

Para Bosi (2003) o estudioso da memória geralmente entrevista idosos dos quais se espera o rico testemunho de outras épocas. A personagem escolhida, atualmente com 75 anos, recebeu, após se aposentar, do Vereador da sua cidade, a “Moção de Congratulações” pelos seus mais de 30 anos de colaboração, dedicação e serviços prestados ao seu Município em uma cerimônia que reuniu familiares e amigos em homenagem a ela. Na primeira parte será apresentado o referencial teórico, com explanações sobre o método História de Vida, sobre a teoria de formação de Adorno e aspectos da Ergologia. Após a elucidação da metodologia, tem-se a apresentação da História de vida da Vovó Ana, posteriormente uma análise para os destaques percebidos no decorrer dos encontros, visando um cruzamento com as teorias propostas. Por fim, as considerações finais tem o intuito não de finalizar o trabalho, pois a história continua, mas sim de refletir sobre a possibilidade do uso de conceitos de Adorno e Ergologia na História de vida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 História de vida

Conforme Gaulejac (2006), a História de vida teve origem na Escola de Chicago, com o estudo de Thomas e Znanieck em 1918 sobre o processo de integração dos poloneses à cultura americana, e mais tarde, no final dos anos 50, os estudos de Lewis sobre os mexicanos. Conforme Silva et al. (2007), a História de vida se diferencia da História Oral, principalmente no que tange ao vínculo entre o pesquisador e pesquisado. Para Bosi (2003), a entrevista ideal nesse método é aquela que permite a formação de laços de amizade. A autora ainda afirma que da qualidade do vínculo construído tem se a qualidade da pesquisa, de forma que o pesquisador não seja taxado por apropriar-se de algo que não lhe pertence, se assemelhando a mais-valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro.

De acordo com Gaulejac (2006), o método História de vida tem o objetivo compreender o sujeito dentro de suas práticas sociais. Se trata de compreender o indivíduo como produto de suas condições de existência. Toda prática humana está inserida em um contexto social, dessa forma, o contexto não fica somente como “pano de fundo”, mas se apresenta de forma imbricada ao personagem. Ao contar sua vida, o sujeito fala do processo por ele experimentado, o que muito se identifica com o conceito de formação de Adorno (1995), que será abordado posteriormente. Esse processo de experimentação é intimamente relacionado à conjuntura social onde ele se encontra inserido (SILVA *et. al.*, 2007). O homem potencializa a reconstrução de seu passado através da reflexão, da imaginação e da palavra (BARROS; LOPES, 2014). Ao relatar sobre sua história, o sujeito tem a oportunidade de reconstruí-la, ressignificá-la (SILVA *et. al.*, 2007). Ele revive aquele momento que está sendo narrado com uma fala que produz imagens e sentimentos (BOSI, 2003).

A História de vida leva em conta a descontinuidade, pois o indivíduo escolhe momentos que para ele são importantes (MARRE, 1991). A falta de continuidade se deve a liberdade que o pesquisado possui para construir sua história da forma que lhe for apropriada, e de acordo com a visão que o mesmo tem sobre seu passado. Não cabe ao pesquisador fazer juízos de valor, buscar a veracidade das narrativas. O que interessa nessa pesquisa é a verdade narrada pelo pesquisado, de acordo com Gaulejac (2006), o relato de vida permeia esferas da realidade e da fantasia e ambos são verdadeiros.

O relato de vida é a expressão de três dimensões essenciais da identidade: expressão dos desejos e angústias inconscientes, da sociedade a qual pertence o ator, e a dinâmica existencial que o caracteriza (GAULEJAC, 2006). Conforme Barros e Lopes (2014) suscitar uma História de vida faz-se em uma relação transferencial e é essencial que o narrador tenha o desejo de contar sua história (BARROS; LOPES, 2014). Ao ouvir os relatos, o ouvinte, que nesse caso não é neutro, também é transformado, ressignificado. Para Bosi (2003), narrador e ouvinte participam juntos de uma aventura comum e ao final ambos sentirão gratidão e orgulho pelo que foi aprendido, contado, construído, conforme a autora, o depoente sente “orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes.” (BOSI, 2003, p. 61).

O relato é uma história singular. Para Gaulejac (2006) por meio dos relatos aparecem as tensões entre a identidade herdada e a identidade adquirida, entre o indivíduo produto e o indivíduo sujeito. O relato permite compreender a relação dialética entre o condicionamento e a *práxis*, entre o indivíduo produto de sua história e o indivíduo agente de sua historicidade (GAULEJAC, 2006). Esse indivíduo produto, ou condicionado é o que Adorno (1995) denomina como semi-formação (*Halbidung*). Um indivíduo semi-formado não possui autonomia, é condicionado para o mercado de trabalho. Por outro lado, tem-se o sujeito agente de sua história, com autonomia, voz ativa, é o que Adorno (1995) chama de formação (*bidung*). A crítica de Adorno (1995) é direcionada ao sistema de formação que produz esse sujeito. Esses questionamentos serão mais bem explanados no próximo tópico.

2.2 A Formação em Adorno

Para Adorno (1995), a crise da formação cultural atinge todas as camadas sociais e faz parte de uma realidade extrapedagógica, que denuncia a insuficiência do sistema e dos métodos de educação. Assim, o que se percebe do sistema de formação atual é que a educação tem se tornado uma modelagem de pessoas, o que retira delas a condição de refletir sobre suas próprias ideias, escolhas e desejos, o que está intimamente ligado ao sistema capitalista, onde pessoas entram em uma esteira de produção, que são as instituições de ensino, e de lá saem

modeladas para o mercado de trabalho. Adorno (1995) questiona a formação determinada pelo sistema capitalista, transformando indivíduos com plena capacidade de formação em indivíduos semi-formados. Um mundo dominado pela técnica gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. A relação com a técnica se torna algo irracional, o que remete ao véu tecnológico (ADORNO, 1995).

Nesse processo de produção, existe uma etapa denominada como travamento da experiência, responsável por reprimir o diferenciado em prol da uniformização da sociedade administrada, dominada. Esta seria uma das características do conceito de semiformação explicado por Adorno (1995). Para Adorno (1996) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, a formação cultural se torna uma semiformação socializada, formando ao invés de indivíduos emancipados, indivíduos alienados, presos na malha da socialização. Para o autor, a educação crítica é subversiva e não tem espaço livre em meio à sociedade burguesa. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro (ADORNO, 1996).

A identificação cega à massa gera a barbárie. Sobre essa identificação cega com a massa, em “Da Horda ao Estado” Enriquez (1990) ao analisar Psicologia das massas, obra de Freud, aborda que na massa, a autonomia, os desejos individuais não devem se destacar. A uniformização é necessária, a responsabilidade é entregue à massa e todos lutam pelo objetivo comum da mesma. Para Adorno (1996), dentre os conhecimentos proporcionados por Freud, um dos mais perspicazes se refere ao fato de a civilização originar e fortalecer progressivamente o que é anti-civilizatório. Isso vai na contramão da formação de Adorno, e está relacionado ao conceito de semi-formação, pois o indivíduo transfere à massa dominante o poder de decisão sobre seu aprendizado, sua atividade e enfim, seu futuro. Não há espaços para incerteza nem para o questionamento. Para Adorno (1995) a coletivização é um problema. Para confirmar essa afirmação, ele cita o que ocorreu com Auschwitz (e que ele exige que não se repita), a dominação do coletivo objetivado sobre o individual. Assim a grande dificuldade em lutar contra a barbárie está no fato de ela emanar do “povo civilizado”. Perante esse cenário, Assis (2012) explica utilizando os conceitos de Zuin (1992) que é necessário desbarbarizar, sair da dimensão da ignorância para o conhecimento pelo esclarecimento crítico. A esperança relacionada ao resgate da formação se situa na experiência do indivíduo e no direcionamento da energia para a educação para a contestação e para a resistência.

Assis (2012) utilizando os conceitos de Ramos de Oliveira (1998) diferencia o sujeito que é capaz de vivenciar a experiência formativa e alterar, expressar de forma consciente (*Erfahrung*), transformando seu destino, do sujeito que é apenas um expectador, determinado pelas circunstâncias e que não tem a autonomia, nem o desejo de transformá-las (*Erlebnis*). Conforme Assis (2012, p. 83) “a experiência adquire importância para a superação do indivíduo”. Para a autora, que utiliza os conceitos de Adorno (1995) o sentido mais profundo da consciência só é possível por meio da capacidade de fazer experiências. A experiência como ato de emancipação leva o sujeito a deparar-se com a realidade e o conceito, conduzindo-o a reflexão e autonomia de pensamento. A educação só terá sentido se for dirigida a uma autorreflexão crítica (Adorno, 1995) o que muito desagrada a sociedade capitalista.

Após passar pelo processo formativo (ou semi-formativo conforme mencionado), o sujeito se depara com o mercado de trabalho. O sujeito se vê perante um sistema de dominação capitalista no qual o que ele deve fazer está prescrito. Entretanto, existe uma distância entre o

que está prescrito e o trabalho real. Essa distância depende do processo formativo, das influências recebidas e experiências vividas por este sujeito. Ao desempenhar uma atividade, e o sentido dessa atividade tem significados diferentes entre os que a desempenham mesmo dividindo o mesmo local de trabalho, com o mesmo cargo e as mesmas tarefas. Esse entendimento é analisado pela ergologia, o que será apresentado no próximo tópico: o sentido do trabalho para o sujeito que o exerce a luz da teoria de Schwartz (1987).

2.3 ERGOLOGIA

A Ergologia surgiu na França com os estudos de Schwartz, ao longo dos anos 1980 e 1990. Essa *démarche* se originou das reflexões sobre o trabalho analisado pela perspectiva do trabalhador. O interesse da ergologia é se inclinar sobre a relação entre o trabalhador e sua atividade, destacando a distância entre a tarefa e a atividade, o prescrito e o real, debatendo sobre as normas e valores que se renovam sobre a atividade humana, analisando a relação com o meio em que o sujeito se insere (SCHWARTZ, DUC; DURRIVE, 2010b).

Schwartz (2010) afirma que para esse estudo é necessário ir até o local ouvir e observar o trabalhador. Um exemplo utilizado por Schwartz (2010) para explicar sobre a importância de se ouvir o trabalhador é a história dos queijos. Certo dia, em uma empresa que produzia queijos, um engenheiro criou um robô que virava queijos, mecanizando assim o trabalho de várias mulheres. A prescrição da tarefa era simples: virar queijos em períodos programados. Entretanto, o que era para aumentar os lucros do produtor ao reduzir os custos tornou-se um pesadelo, já que os queijos não tinham mais a mesma qualidade. Assim, os engenheiros chamaram as mulheres que trabalhavam naquela linha de produção e elas afirmaram que “não era só virar o queijo”; elas apalpavam, cheiravam, ou seja, utilizavam suas funções cerebrais para julgar se era o momento ou não de virar o queijo. Esse caso ilustra de forma bem clara o que a ergologia vem discutir. O trabalho prescrito versus trabalho real, o “uso de si por si e pelos outros” no trabalho, o que dá origem a novos estudos e compreensões sobre o trabalho.

Schwartz, Duc e Durrive (2010b), ao discutir sobre as técnicas e experiências dos humanos no trabalho afirmam que nesse tempo em que pensava-se substituir a mão de obra humana pelas máquinas, percebe-se que a máquina tem necessidade do homem e que as técnicas devem ser pensadas junto com quem irá utilizá-las. Martins e Vargas (2009) afirmam que no uso de si por si, é a pessoa quem reinventa uma certa maneira de ser, de viver, de sobreviver. Mesmo que se tenha a prescrição exata do que se deve fazer, nunca serão suficientes para se comparar com o trabalho real. Conforme Martins e Vargas (2009), se as normas forem executadas conforme prescritas, elas não funcionarão. Sempre existirá um espaço, e é nesse espaço que figura a subjetividade de cada sujeito, reinventando a organização do seu próprio trabalho.

Martins e Vargas (2009) apresentam em seu trabalho o conceito das dramáticas, conceito fundamental para o entendimento da ergologia. Para as autoras que citam Schwartz (1987), o sentido das dramáticas está relacionado a uma história que se passa, história que não estava prevista a princípio, mas que não é necessariamente trágica. A atividade de trabalho é um encontro histórico entre as experiências guardadas dos sujeitos, as experiências coletivas, a prática. Para as autoras, existe uma complexidade nas negociações do uso de si, pois os sujeitos se tornam os gestores do seu próprio trabalho, escolhendo, selecionando, alterando as posições, como no caso do estudo de Schwartz sobre as operadoras da linha de montagem de televisores e as gavetas de componentes (MARTINS; VARGAS, 2009). Holz e Bianco (2014) citam Schwartz, Duc e Durrive (2010), ao afirmar que essa gestão é atravessada por economias do corpo, por sinalizações sensoriais e visuais, por um tipo de inteligência que

passa pelo muscular, pelo neurofisiológico, mas que em seguida passa pela inconsciência do próprio corpo e pelo histórico.

Para discorrer sobre o trabalhador e as questões por ele engendradas, a Ergologia não utiliza os conceitos de sujeito ou subjetividade, mas sim de ‘corpo-si’, que é mais profundo que a noção de subjetividade. Conforme Schwartz, Duc e Durrive (2010) essa é uma visão que ultrapassa o espelho, alcançando o mais íntimo da atividade. O ‘corpo-si’ consiste em alguma coisa que atravessa tanto o intelectual, o cultural, quanto o fisiológico, o muscular, o sistema nervoso (SCHWARTZ, 2010). A noção de subjetividade coloca o indivíduo diante de um espelho em que ele se reconhece, um espelho que o transforma em objeto circunscrito numa moldura, descortinando os segredos de sua vida e de sua ação. A noção de corpo-si, ao contrário, remete às profundezas do que se é, um “alguma coisa” que ninguém poderá expressar totalmente em palavras, uma obscuridade que afasta o indivíduo de toda objetivação e que não faz dele “um objeto a ser descrito”, restituindo assim a forma pela qual ele sempre escapa, a seu jeito, de ser objetivado. “Ninguém jamais poderá encerrá-lo em uma moldura, por mais sedutora que ela seja” (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010b, p. 198).

Assim entende-se que o trabalho real é distante do trabalho prescrito. As pessoas fazem escolhas, e mesmo estando numa situação de trabalho muito semelhante, as escolhas eram singulares em relação a forma que cada operária organizava seu trabalho. O trabalhador é constantemente confrontado com variabilidades na realização de suas atividades, sendo-lhe impossível escapar de microescolhas rotineiras. Diante disso, o corpo-si é o árbitro e gestor dessas variabilidades que o impulsionam a escolher entre trabalhar “por si” ou “pelos outros”, gerindo, assim, seu trabalho (HOLZ; BIANCO, 2014).

2.3.1 A linguagem em trabalho

É primordial na abordagem ergológica que se reconheça o trabalho como uma atividade linguageira, a atividade como uma dialética. Ao contrário do período taylorista, onde a ordem era obedecer calado, tem se agora a era da comunicação, utilizar ao máximo a palavra no trabalho (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010a). No período taylorista, era proibido falar uns com os outros no trabalho, pois o trabalho individual era considerado superior ao trabalho de equipe, enquanto hoje, na sociedade informacional se dá muita importância à comunicação. Ainda assim, em pleno século XXI vivenciamos em muitas organizações a predominância do estilo taylorista, com o “chefe” tentando proibir a comunicação entre os seus funcionários, o que acaba tornando o ambiente insuportável para pessoas emancipadas (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010a).

Schwartz, Duc e Durrive (2010a) afirmam que hoje se fala em revolução informacional, fala-se de se formar no decorrer de toda a vida, de validar a experiência adquirida. Para os autores a relação entre o trabalho e a linguagem é bem complexa. Quando se pede a um trabalhador para falar sobre seu trabalho, de imediato ele responde que é bem simples, mas num segundo momento, ao refletir sobre o que falou, fala que é complicado para explicar. Essa dificuldade pode estar relacionada a busca de uma linguagem formal como sendo a adequada, e ao medo por parte do trabalhador de utilizar expressões incorretas na explicação. Chega-se ao entendimento que a linguagem é muito rica e o trabalhador a utiliza para regular sua atividade. Para esses autores existem duas dimensões da relação linguagem e trabalho: a linguagem comum na atividade e a linguagem elaborada, distanciada. Para Schwartz, Duc e Durrive (2010a), manipular o conceito de o que é a linguagem, a relação entre a linguagem e a experiência é uma maneira de conceber sua experiência de outra forma (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010a).

A partir do momento em que a visão é direcionada ao trabalho real (as dramáticas do uso de si), passa-se a entender a singularidade do trabalho não explicada pelas normas. Cada um redescobre seu próprio trabalho e compreende como se insere na atividade dos outros, na vida e na sociedade. É preciso apropriar-se do conceito para compreender sua própria situação e sua experiência admitindo-se a possibilidade de retrabalhar, refabricar. Experimentar esses conceitos é uma forma de refletir sobre seu trabalho (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010a). Mesmo com tal importância dada a linguagem, os autores afirmam ainda que a atividade extrapola tal conceito, sendo ainda mais abrangente, ou seja, ultrapassa o que as palavras podem dizer sobre ela, o que mostra o quão complexa é a relação entre atividade e linguagem, o que é apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: As cinco dimensões da relação problemática entre o trabalho e a linguagem

1ª Dimensão	2ª Dimensão	3ª Dimensão	4ª Dimensão	5ª Dimensão
Não se pode colocar tudo em linguagem devido as dimensões do corpo-si (inteligência, sistema nervoso, regulações e história).	Dificuldade em definir a atividade, que consiste em uma contínua ressingularização.	O inconsciente impõe resistências à verbalização.	Sempre há transgressão já que as normas nunca serão suficientes para abranger tudo o que uma pessoa faz. É uma dimensão que contesta a norma oficial.	Em que circunstância e para quem será verbalizado seu trabalho?

Fonte: Construído pelos autores com base em Schwartz, Duc e Durrive (2010a).

Conforme apresentado no Quadro 1, a relação entre a linguagem e o trabalho é intrincada e depende de questões psicológicas, do contexto, do interlocutor ao qual será direcionada essa linguagem, entre outros aspectos. Ao falar sobre sua atividade, assim como ocorre na história de vida, os elementos vão sendo ressignificados pelo narrador. Para Schwartz, Duc e Durrive (2010a), é imperativo entender a atividade como uma dialética entre o geral e o singular, entre o dizer e o fazer. Esses aspectos contribuem para o entendimento que o sentido do trabalho é singular, bem como a forma adotada por cada trabalhador para falar sobre seu trabalho. A complexidade aparece no momento em que se percebe que ao falar de seu trabalho, corre-se o risco de admitir as microtransgressões em relação às atividades que se desempenha, o que foge ao que está prescrito para a tarefa.

Conforme Schwartz, Duc e Durrive (2010a), existe uma ligação entre os conceitos linguagem, história e experiência, já que o trabalho remete à uma história singular que é perpassada pela experiência. Para os autores, o paradoxo interessante na relação trabalho e linguagem é que essa última precisa de algum modo ser neutralizada em relação à história singular. A linguagem é indispensável para falar sobre experiência, e por outro lado, a história sempre ultrapassa a experiência. O próximo tópico tratará de como foi conduzida a pesquisa considerando o método História de vida e suas peculiaridades.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Bosi (2003, p. 20) “a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa”. Conforme Barros e Lopes (2014), não existe um *modus operandi* definido para o método História de vida. Parte-se da demanda do sujeito, que deseja contar sua história. (SILVA *et. al*, 2007). Esse foi o caso pois a pesquisada

tinha o interesse em contar sua história, dizendo que tudo o que ela viveu até hoje “daria um livro”.

Optou-se por seguir alguns dos conselhos de Bosi (2003) sobre condutas que podem ajudar o pesquisador a conduzir este tipo de pesquisa, como por exemplo, a pré-entrevista, o que para Bosi (2003) é essencial. Essa pré-entrevista foi feita sem o gravador, com o intuito de levantar temas promissores na fala da depoente. Para Bosi (2003), a pré-entrevista abre caminhos insuspeitados para a investigação. Os encontros ocorreram na casa da Vovó Ana. Foram escolhidos os momentos em que ela estava sozinha, para evitar interferências de outros familiares, o que segundo Bosi (2003) pode enriquecer, como também prejudicar o narrador, que pode se sentir inibido na presença de outras pessoas. A pesquisadora preferiu dar total liberdade à pesquisada, sem roteiros, sem exigências de ordem cronológica, em alguns momentos estando lado a lado. Desse modo, por muitas vezes, via-se que a pesquisada estava com sua mente em outro lugar, recordando de fatos que segundo ela, “nunca havia contado para ninguém”. Foi utilizado um gravador a partir do segundo encontro, já que o primeiro (a pré-entrevista) foi importante para fortalecer o vínculo e a confiança entre pesquisador-pesquisado, além de desenhar os caminhos desse estudo.

Em algumas ocasiões o relato da pesquisada era interrompido visando a perguntar algum aspecto essencial para o entendimento do momento de sua vida o qual estava sendo narrado. Na maioria das vezes, quando se tratava de perguntas como “isso foi em que época?”, ou “quantos anos você tinha quando isso aconteceu” a pesquisadora não obteve respostas, e a história continuou sendo narrada. A impressão nesses momentos era de que não se deveria intervir, pois isso afetaria a “viagem” que visivelmente estava sendo muito importante para a construção da história para a pesquisada. A pesquisadora ocupava uma posição de acompanhante, “co-piloto” nessa viagem, assim, não poderia exigir o rigor cronológico da depoente.

As categorias para a análise surgiram com a narrativa da história, não sendo possível construí-las *a priori*, sendo essa mais uma característica do método História de vida. Os conceitos teóricos, ergologia e formação para Adorno, surgiram das reflexões feitas após a pré-entrevista, onde identificou-se que seriam relevantes para a análise de acordo com o que era narrado pela depoente. Ao final, a transcrição da história narrada foi apresentada a pesquisada, sugerindo uma aprovação do material. Nessa ocasião, a depoente apontou trechos que deveriam ser retirados, por representar muito sofrimento, ou acontecimentos que ela não queria que fossem publicados e em outros trechos ela alegava repetidamente que teria que ser tratado, pois era muito interessante para sua história. Interessante ressaltar que ela escolheu onde deveria terminar a história, com sua aposentadoria, o que corrobora com o objetivo do trabalho como guia para a História de vida.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO – A História de vida da Vovó Ana, de dona de lavanderia à Dona Ana da Prefeitura

4.1 O nascimento da “belezura”

Nas palavras de Dona Ana: “dia 11 de junho de 1941 que nasceu essa belezura aqui!” Percebi que em nossos encontros Vovó Ana sempre começava sua história a partir da lavanderia, sem falar sobre a infância. Quando perguntei sobre essa fase, inicialmente ela disse que não se lembrava, mas narrando sobre outros aspectos de sua vida, alguns momentos importantes da infância foram surgindo nas narrativas. Ela conta que desde criança não era fácil: “Quando eu era criança eu era “baguncenta” demais gente! Era da pazinha virada [...]!” Dona Ana afirma

que seu jeito “banguncenta” resultou em alguns machucados dos quais carrega a cicatriz ainda hoje.

Aí um dia tinha umas gramas em frente lá em casa aí eu falei, o gente, vamos fazer de conta que isso aqui é água e vão nadar na grama, aí na hora que fui nadar, não sei se era arame que tinha, rasgou meu pé. [...] nossa tá saindo muito sangue! Cortei assim, tem a marca até hoje no pé.

Mas são poucas as lembranças em casa, porque logo Dona Ana foi trabalhar em uma casa de família. Foi quando parou de estudar. Disse que estava de férias da escola quando começou a trabalhar nessa casa, “em Brumadinho, nós morávamos no Brumado” levada pelo pai, e quando as aulas iam voltar eles (os patrões) pediram ao pai que Dona Ana continuasse morando e trabalhando nessa casa sob a promessa que a mãe de sua patroa, que era professora, daria aulas para ela.

Essa aí da escola eu tava de férias. Aí a mãe dela pegou e falou assim, ah, não, não deixa a Ana ir embora não, pode deixar que eu dou aula pra ela. Ela era professora. A mãe da minha patroa era professora. Não sei nem o nome dela, era uma dona baixinha, clarinha, aí ela falou, eu dou aula pra ela, aí meu pai pegou e deixou só que eu saí da aula. Eu estava no segundo ano.

Dava, de noite, eu tinha os cadernos... Eu não entendia quase nada, era burra! [Risos] [...] a Dona Maria falou que ia dar aula pra mim, sei lá se era Dona Maria o nome dela (risos). Aí eles não deixaram eu vir embora não, fiquei lá.

Uma lembrança de Dona Ana dessa época é que era tão pequena que tinha que subir no tanque para lavar os uniformes do patrão:

[...] eu te falei essa parte num falei? Que eu não chegava no tanque pra lavar o macacão do Antonio, que ele trabalhava na oficina, aí eu subia em cima do tanque, aqueles tanques grandes de cimento, não é esses tanques pequenos não. Aí eu subia, passava a escova, enxaguava, subia em cima do tanque porque não dava altura pra poder lavar o macacão. Aí lavava o macacão do Antonio.

Outra memória de Vovó Ana ainda sobre esse período foi a última vez que viu seu irmão Plínio, o qual faleceu aos dois anos de idade. “[...] mamãe foi com o menino [para Belo Horizonte] e voltou sem ele. Ele tinha dois anos e deu uma doença na garganta. Eles enterraram lá mesmo, ninguém mais viu e essa foi a última vez que eu vi ele”.

4.2 “Dona de Lavanderia, uma empresária”

Ao contar sua história, Vovó Ana sempre começava a falar sobre quando era dona de lavanderia, o que foi repetido várias vezes em nossos encontros:

Mas antes eu era dona de lavanderia. Primeiro trabalhava na lavanderia do fulano, mas ele fazia tudo errado, aí não deu certo. Aí eu comprei a lavanderia, não foi o ponto, foi só as máquinas, as coisas, aí aluguei um ponto e coloquei lá a lavanderia, e eu já sabia o serviço.

Era a forma pela qual ficou conhecida em Brumadinho, como dona de lavanderia: [...] A lavanderia entrava dinheiro minha filha! Foi na lavanderia que conheceu o Geraldo, que se tornou seu marido. “O Geraldo chegou lá na lavanderia e eu fiquei encantada com ele. Ele era fotógrafo. Aí me chamou pra sair.”

[...] Geraldo foi levar roupa na lavanderia, ele tava no hotel, ele trabalhava de representante de retrato, de álbum, esses “trem”, retrato. Aí teve um dia que ele foi lá levar a roupa e tudo e me convidou pra ir ao cinema com ele, aí eu pensei, como é

que eu vou fazer, se eu for em casa não tem jeito de ir ao cinema. Aí fechei a lavanderia e já fui direto pro cinema com o Geraldo.

Entretanto, um incidente fez com que o orgulho de Dona Ana como “Dona de Lavanderia” chegasse ao fim. Nesse momento ela muda o tom da conversa.

Aí tinha ao lado da lavanderia, do mesmo dono, tinha um bar que era bar e sinuca. Aí o Geraldo tava lá jogando sinuca e brigou com o rapaz lá, a gente não morava no barracão dos fundos não, eu confundi, morava em outro barracão, não era do mesmo dono não. Ai o Geraldo brigou com o rapaz [...] Aí ele foi pra estação, pegou o tal de subúrbio, o trem que saía lá de madrugada e foi pra cidade industrial. Aí ele saiu pra fugir [...]

[...] aí de manhã eu falei gente, gente, o Geraldo não chegou em casa, aconteceu alguma coisa, aí fiquei sabendo que tinha brigado. [...] o papai trabalhava no Barreiro, ai ele escreveu e deu o papai pra me entregar [...] que ele não ia voltar lá tão cedo [...]

Ela se viu em meio a uma escolha, ou continuava sendo dona de lavanderia ou acompanhava o marido, que não voltaria mais naquele lugar. Pressionada pelos costumes da época, decidiu acompanhar o marido.

Aí foi aonde eu tava com duas filha, três filha, Clacione era bebezinha, poucos meses de nascida, aí o Geraldo falou que não voltava mais pra Brumadinho, que ele ia alugar um barracão, que eu arrumasse um caminhão, colocasse a mudança e viesse pro Barreiro. Olha pro “cê” ver, (pausa) aí eu falei, agora, casada e com filho, vou ter que acompanhar meu marido né? Se ele chega em Brumadinho e eles mata ele eu ia ficar com remorso.

Falei: aí pai agora está difícil, vou ter que vender a lavanderia. Aí vendi a lavanderia pro alfaiate, Julinho, [...] vendi a lavanderia pra ele aonde eu ganhava meu dinheiro tranquila, desde solteira né, desde solteira que eu era dona de lavanderia. Aí vendi a lavanderia.

Após vender a lavanderia e mudar de cidade para acompanhar o marido, Vovó Ana ficou em casa cuidando das filhas. A renda da família era garantida pelo trabalho do marido na oficina. Nessa época em que não trabalhou fora Dona Ana não consegue se recordar de muitas coisas:

(Risos) Ó gente hoje eu estou esquecendo como que foi. Aí ele [Geraldo] ficou trabalhando, já cuidando de casa, aí depois fiquei esperando a Mary, ela nasceu em casa em Ibirité, eu não trabalhava mais não, era só até a lavanderia, Geraldo que trabalhava na oficina.

4.3 A morte do marido – a segunda reviravolta na vida de Dona Ana

Algum tempo depois de vender a lavanderia e mudar de cidade, Dona Ana passou por mais uma reviravolta, a morte de seu marido. Ela tinha cinco filhas e estava grávida de seis meses da sexta filha. Ela não trabalhava fora e a única renda era do trabalho do Geraldo:

Quando ele morreu graças a Deus que ele estava trabalhando de carteira assinada, eu esperando a Moninha e arrumando pra receber a pensão, quando eu consegui era meio salário mínimo pra sete pessoas. Seis, sete, oito com a Diva [irmã de Dona Ana], seis menina, eu e a Diva, porque a Diva tomava conta das meninas pra eu trabalhar.

Dona Ana conta que Geraldo morreu de acidente de carro, ao voltar da oficina onde trabalhava. Ela viu-se numa situação muito complicada, acabara de ganhar sua sexta filha, e a pensão pela morte do marido era apenas meio salário mínimo. Assim Vovó Ana resolveu

voltar a trabalhar fora, ainda no período do resguardo: “Aí eu falei meio salário mínimo? Vou ter que trabalhar!” Ao falar sobre esse momento de sua vida, a fala de Dona Ana revela certa confusão. Essa agitação relata o quão perturbador foi esse período para ela e percebeu-se que a confusão se deu devido à intensidade de reviver aqueles acontecimentos, até chegar ao ponto de exaustão e ela sentir-se com sono.

Aí quando eu ia pra Belo Horizonte, eles mandavam eu ir, ah, tem que ir em tal lugar, tudo pra arrumar pra receber o dinheiro da pensão, maior dificuldade [risos] tá me dando é sono! Contar da vida toda é muita coisa, é muita coisa que eu passei!

4.4 Você escolhe: ou você trabalha ou então você entrega a casa!

Dona Ana começou a trabalhar na casa do Dr. Ari após o marido falecer. Ela conta que esse foi um momento muito sofrido para ela, pois trabalhava de domingo a domingo, sem folga, e não conseguia ficar com suas filhas. Mas teve que aceitar esse trabalho, pois estava precisando muito, era uma questão de sobrevivência, já que a pensão por morte do marido somava meio salário mínimo, o que não era suficiente para alimentar as oito pessoas que moravam na casa, Dona Ana, sua irmã Diva e as seis filhas. Entretanto, o trabalho na casa do Dr. Ari tinha vantagens e desvantagens:

Aí não tinha leiteira eu levava uma lata pra trazer o leite das meninas todo dia, ganhava o leite, de fato, num ponto eles foram ruins, mas ajudou muito também, tirava as roupas novas das meninas do guarda roupa e dava pras meninas, deu bicicleta pra Claés, dava o leite, a comida que fazia no almoço, a dona Maria, a cozinheira, arrumava tudo numas vasilhas pra arrumar pras meninas, [choro] é triste, é uma história muito triste.

Eles foram um apoio num momento em que ela estava precisando muito, ajudavam com a alimentação, a moradia, roupas, até brinquedos. Mas Dona Ana não estava satisfeita devido à forma com que era tratada pela patroa. Assim, ela conta a história da leiteira.

Aí eu chegava com aquela latinha de leite, aí a patroa cismou que eu tinha que trazer só um litro de leite, cismou que a lata tava pegando mais de um litro de leite, [...] aí ela pegou a leiteira, lavou, pegou o leite da latinha e despejou na leiteira. Você acredita que a leiteira pegava mais de um litro mesmo? [Risos] Ficava faltando um tanto assim pra encher a leiteira [mostra o tanto com os dedos], como se diz, é pra você levar só um litro, e a lata tava pegando mais de um litro entendeu?

Para Dona Ana, esse episódio representou uma humilhação que ela não poderia “deixar barato”, assim, ela conta que começou a agradecer a leiteira com ironia, fazendo vários movimentos com a leiteira nas mãos, segundo ela, quase entornando o leite.

Eu era muito danada também, também não era fácil não, ruim menina! Peguei a leiteira: Olha aqui que beleza! Eu custava levar aquela lata gelada na minha mão entornando leite no meu braço, custava chegar em casa com a lata de leite gelada, que ficava na geladeira o dia inteiro ne, largava serviço já tava escurecendo, a lata ia entornando, olha aqui agora – quase arrebentando a alça da leiteira sabe [movimentos com os braços] – olha aqui que facilidade agora, o leite na leiteira, olha aqui que facilidade! Ela fechou uma cara pra mim, aí começou a pegar no meu pé.

Essa reação de Dona Ana fez com que a patroa começasse a “pegar no pé dela”, reclamando de diferenças entre os trabalhos que eram destinados ao Dr. Ari e à patroa (esposa de Dr. Ari).

[...] quem sabe ela tinha era ciúme do Dr Ari comigo? Eu era nova, bonita. Ela falou assim: “o carro do Ari até cheira de tão limpo”, eu tinha que limpar dois carros, “o meu limpa de qualquer jeito”, mas não é nada, do mesmo jeito que limpava um

limpava o outro, mesma coisa. “O sapato, meu guarda tudo sujo, do Ari, todo dia guarda limpinho”.

Mas mesmo após esses desentendimentos, Dona Ana continuou trabalhando nessa casa: “Aí eu falei: preciso trabalhar, tenho que ficar calada”, até o dia em que Dona Ana estava doente, sem condições para trabalhar, ficando dois dias sem comparecer ao serviço e a patroa a chamou para dar o ultimato:

Aí quando chegamos lá, nem olhar na minha cara ela olhava: “-Você não veio trabalhar ontem, não veio trabalhar hoje, mas tem uma coisa, você escolhe: ou você trabalha ou então você entrega a casa!” Perder o emprego e ainda perder a casa também. Eu falei: então eu entrego a casa! Eu perdi o emprego e perdi a casa. Não, não aguento trabalhar não, então eu entrego a casa!

4.5 “Era a vida do Geraldo”

Ao sair do emprego, Dona Ana, as seis filhas e sua irmã Diva foram morar num barracão que segundo ela era a vida do Geraldo: “Aí eu fui na segunda audiência, aceitei o que ele prometeu, pagar esse barracão [...] foi uma ótima coisa que eu fiz! Quer dizer, o barracão é a vida do Geraldo né.” A explicação disso é que quando Geraldo sofreu acidente, o motorista do carro sobreviveu e teve que responder a um processo judicial. Nesse processo Dona Ana conseguiu um lote com um barracão, e por isso ela diz que era a vida do Geraldo. Ainda hoje Dona Ana mora nesse local. O barracão se transformou em uma casa grande, com quintal em volta onde ela recebe a família vários domingos, aniversários e datas comemorativas.

Na primeira audiência eu não aceitei, ele ia dar o dinheiro na hora que tivesse empregado, mas e quando tivesse desempregado? Aí na segunda audiência é que ele ofereceu o barracão com o lote aqui, foi o que eu aceitei, e é onde eu moro até hoje. Hoje é uma casa né, uma mansão em vista do barracãozinho que a gente morava.

4.6 Os bons ventos sempre chegam

Dona Ana conta que nunca ficou sem trabalho. Logo arrumou outro, para lavar ônibus.

[...] aí eu fui trabalhar na Santur, lavar ônibus [...] o pagamento era todo sábado, eu falei: ah, que bom, eu descia do ônibus ali na praça, mochilinha de lado [choro], e as meninas sentadas na porta do armazém pra fazer compras, pra comprar querosene pra semana, porque era lamparina, lampião, o pó de café vinha cheirando, era moído na hora lá, um quilinho disso, um quilinho daquilo outro, a gente comprava os trem pra semana né, porque o pagamento era por semana, as meninas ficavam de cabecinha lavada, com ponchozinho, sentada na porta do armazém esperando eu chegar. Fazia a compra e a gente vinha com a compra, lá era bom, porque trabalhava sábado e dia de domingo ficava em casa.

Algum tempo depois ela conseguiu um trabalho na área da limpeza do Hospital Santa Rita, onde trabalhava na mesma ala em que o marido morreu. E ainda conseguiu outro, na Câmara dos Vereadores, assumindo assim uma jornada dupla.

Aí eu fui trabalhar na Câmara dos Vereadores, aí trabalhava no Santa Rita, e quando chegava na Câmara, nos dois. Eu falei o que? Estou bem agora! Gratificação, salário lá, gratificação aqui, eu vou alugar uma casa [...]

Como ela não estava satisfeita em morar naquele barracão rodeado de mato, longe da escola e sem luz. Assim que as coisas foram melhorando, Dona Ana resolveu mudar do barracão em que morava e alugou uma casa melhor, que tinha luz para que as meninas pudessem estudar e se localizava num lugar mais seguro.

4.7 De dona de lavanderia à Dona Ana da Prefeitura

Dona Ana conta sobre o trabalho na Prefeitura de Ibitaré e como quando chegou lá já tinha passado por muitas experiências. Dona Ana aproveita para fazer uma síntese sobre sua trajetória até chegar ali:

Nossa, quando eu fiz 40 anos foi uma festa na Prefeitura. Toda hora o telefone tocava e eu ia pra atender, [...] cantaram parabéns, comprou salgado, doce, refrigerante, colocou lá na mesa e cantou parabéns pra mim. 40 anos. E eu já tinha passado por muita coisa.

Aí pedi conta no Santa Rita e fiquei na prefeitura, na prefeitura eu fiquei 32 anos direto, na prefeitura. Muitos anos né, e aposentei com 70 anos, olha esses anos todos que luta que foi, começando desde Brumadinho né, a dona de lavanderia, vende a lavanderia, põe a mudança no caminhão, muda pro Barreiro, aí fiquei desempregada, aí depois as meninas cresceram, tudo estudando, trabalhando, tudo inteligente, graças a Deus, as seis filhas que eu tenho, é uma benção, cresceram tudo no serviço, trabalhando, e graças a Deus, casou todo mundo, agora os netos, que é minha vida.

5 ANÁLISE DOS DESTAQUES

5.1 Do riso ao choro, do choro ao riso. A resignificação do sujeito ao contar sua História

Conforme Barros e Lopes (2014), o homem potencializa a reconstrução de seu passado através da reflexão, da imaginação e da palavra. Foi perceptível nas atitudes, expressões de Dona Ana ao narrar sobre sua história que era a primeira vez em que ela parava para refletir sobre seu passado ao contar para alguém: “Meus olhos estão até descendo água de tanto lembrar desses trem gente!” Dona Ana afirma que não havia contado sua história nem para suas filhas para evitar deixá-las triste, já que vivenciaram tantas experiências difíceis. “[...] eu nunca sentei pra contar isso pras minhas meninas, pra que colocar as coisas na cabeça delas, sendo que elas foram criadas com tanta luta, tanta dificuldade.”

Ao relatar sobre sua história, o sujeito tem a oportunidade de reconstruí-la, resignificá-la (SILVA *et al*, 2007). Em nossos encontros percebi que Dona Ana se preocupava muito com a ordem cronológica ao narrar sua história: “Não do Edson eu não acabei de contar ué, que teve a audiência lá em Betim, está saltando, está pulando para outras coisas!” Mas não era possível seguir essa ordem, pois ao falar, ela se recordava de outros acontecimentos importantes, o que confirma o que Marre (1991) relatou: o indivíduo não relata os acontecimentos de forma cronológica, mas o faz de acordo com aquilo que ele próprio considera importante. Ao final de um dos encontros ela disse: “Foi muita coisa ainda fiquei saltando né?” e quando ela esquecia, começava a rir. Para Bosi (2003) quando se trata da memória, os esquecimentos também são importantes e devem ser interpretados. “Aí como é que foi gente? Esqueci! [risos] É tanta coisa que não tem jeito de lembrar tudo não!”

Ao narrar sobre momentos tristes, ela chorava ao reviver aquelas emoções novamente, mas logo o choro cessava e a voz se modificava, se impondo como vitoriosa. Em um momento, ao narrar sobre um período muito complicado de sua vida, quando seu marido faleceu, ela se lembrou dos ocorridos, de como teve que resolver sobre a documentação para receber a pensão e outros assuntos, estando ainda grávida de seis meses. Foi como se viesse à tona toda a exaustão com a qual teve que lidar nesse período, e quando terminou de contar sobre esse período ela estava cansada e com sono. Para Bosi (2003), o narrador revive momentos cruciais da sua vida, produzindo imagens e sentimentos.

Em algumas ocasiões, a voz se alterava de acordo com o que estava sendo contado. Quando contava sobre algum momento que tinha que se impor, e não deixar as pessoas passarem por cima da autonomia dela, a voz era firme, a testa franzida, dura. Como se voltasse no passado e revivesse aquele momento. O destaque é dado à frase que ela repetiu várias vezes com a mesma entonação, voz firme, decidida. “Então eu entrego a casa!”

5.2 Reinventando o seu trabalho, seja onde for

A Ergologia faz uma análise “do ponto de vista daquele que trabalha”. Assim, na narrativa de Dona Ana é possível identificar o sentido do seu trabalho e como ela reorganizava o mesmo. Seu orgulho é falar que era Dona de Lavanderia, empresária, e que se tornou dona de lavanderia muito cedo. Ao contar sobre quando montou sua própria lavanderia, ela fala: “Esperta né? A freguesia era minha, porque eu que trabalhava, atendia todo mundo bem.” Ela é dona de seu trabalho, só ela sabe o que ela faz. Enquanto algumas pessoas podem pensar que o trabalho de uma Encarregada de limpeza e chefe de cozinha seja simples, Dona Ana diz que na Prefeitura, onde exercia esses dois papéis, controlava tudo, até mesmo o que não estava descrito em sua prescrição de tarefa. Ela era a dona do seu trabalho. Poderia ser na lavanderia, um negócio próprio, ou na Prefeitura, setor público. O significado do trabalho real depende da pessoa que o desempenha. Quando trabalhou na “Santur”, sua tarefa era lavar ônibus, mas ela conta que:

[...] pegava a lista de ônibus e olhava qual ônibus fazia horário mais cedo e mandava lavar, mas eu lavando também, não era só mandar não, aí eu falava: oh, vamos pegar esse ônibus aqui, porque ele vai fazer horário mais cedo, aí a gente carregava água na cabeça e limpava o ônibus, limpava por dentro só, aí depois o rapaz pegava e levava na lavação e lavava por fora, e de lá já saía para fazer o horário. Aí eu que olhava isso tudo.

Dona Ana afirma que conhecia todo o processo. Ela sabia o que fazer. Ela era capaz de organizar seu trabalho de acordo com o que ela achava melhor. De acordo com Martins e Vargas (2009) esse é o uso de si por si, a pessoa reinventa uma certa maneira de ser, de viver, de sobreviver. Isso vai além do trabalho prescrito. É o chamado trabalho real. E quando foi para a Prefeitura não foi diferente, Dona Ana reinventava seu trabalho, e organizava e controlava o processo, chegando mais cedo no trabalho, pois era o seu trabalho, da forma em que ela escolheu realizar.

É o que eu falo que eu hoje “é” duas. Uma na cozinha e outra de encarregada entendeu? Eu levantava cedo, fazia o café dos garis, fazia o café de toda a secretaria, quem trabalhava na secretaria levava a garrafa lavava e eu colocava o café. Mas quem fazia era eu. Eu tomava conta da cozinha e encarregada da turma da limpeza.

O trabalho de Dona Ana foi reconhecido e ela recebeu um cargo de confiança, Encarregada de Limpeza. Além disso, ela conta que também se tornou Chefe de Cozinha.

[...] não mexia com limpeza mais não, ficava só olhando o serviço, marcando, fulano vai pra tal lugar, tal lugar, e não era só Prefeitura não, era muita Secretaria. Até no Durval eu tinha que olhar. O café era eu que fazia, até dia de reunião, tudo era eu. Hoje “é” duas no meu lugar. Eu chegava lá na cozinha, ligava o meu radinho, colocava a água do café no fogo, fazia primeiro o café dos garis pra eles não saírem sem o café. Eles pegavam serviço as sete horas, tinham que tomar café primeiro. Por causa disso que eu chegava cedo.

Com o relato de Dona Ana, podemos entender a noção do corpo-si, que conforme SCHWARTZ, DUC e DURRIVE (2010b), é uma noção que remete às profundezas do que se é. É algo inexpressável. A forma com que Dona Ana executava seu trabalho, chegando cedo,

depois ligando o rádio, todo esse processo organizado por ela, demonstra o qual complexa é a noção que a ergologia traz sobre o trabalho, a atividade, o uso de si. Só ela faz o trabalho dessa forma, é singular. E quando ela diz: Hoje são duas no meu lugar, comprova-se que nenhum trabalho é igual.

5.3 Contradições e desafios

A contradição da qual se trata o título diz respeito ao que a pessoa é e as circunstâncias as quais ela é submetida pelo contexto social. A essência de Dona Ana era ser livre, “Dona de lavanderia” mesmo sem estudos. Entretanto, em muitas das situações narradas, sua autonomia foi colocada a prova pelo determinismo social, quando teve que vender a lavanderia para acompanhar o marido por exemplo. O que leva a refletir sobre quantas pessoas desistem de seus sonhos para seguir um padrão esperado do social? É a ponte entre a história de Dona Ana, que é singular, mas que representa um coletivo. Ainda assim, após algum tempo Dona Ana se viu forçada a recobrar sua autonomia, após o falecimento do marido, onde foi obrigada a trabalhar ainda no período do resguardo.

Para Adorno (1996) é intrínseco ao sujeito “civilizado” se adaptar aos moldes sociais e ao mesmo tempo resistir a essa adaptação como uma imposição, uma determinação exterior. Outro momento em que Vovó Ana resiste a dominação é quando dá a patroa uma resposta inesperada. Inicialmente ela conta que ficava calada mediante o tratamento da patroa, ela se adaptava. Para Gaulejac (2006), o relato permite compreender a relação dialética entre o condicionamento e a *práxis*, entre o indivíduo produto de sua história e o indivíduo agente de sua historicidade. Até certo momento, Dona Ana estava agindo como produto de sua história, mas ela queria algo mais, ela queria ficar com suas filhas aos domingos.

Ao reformular o seu trabalho, e decidir como desempenhá-lo, seja na empresa de ônibus, seja na Prefeitura, Dona Ana expressa sua consciência, sua autonomia. Isso ilustra o *Erfahrung*, um sujeito que exerce um grau de reação consciente, modifica, altera e tem a capacidade de viver a experiência formativa, sentir e se expressar. Conforme o relato de Dona Ana, é necessário experimentar: “eu falei Dona Lúcia, tudo tem que experimentar, vamos tentar pra ver se vai dar certo” a fala de Dona Ana está de acordo com Assis (2012) sobre a necessidade de se experimentar, já que a experiência é o caminho para a superação do indivíduo.

Dona Ana conta que frequentou a escola somente por dois anos, contudo isso não foi impedimento para ela evoluir em sua carreira e buscar condições melhores para sua família. Mesmo após estar trabalhando na Prefeitura, ela enfrentou outro desafio que surgiu, teria que passar em um concurso para continuar trabalhando lá.

Aí o chefe falou que ia ter concurso e quem não passasse no concurso ia ser mandado embora, porque não podia trabalhar de carteira assinada, esse pedaço aí é importante. Aí eu fiz o concurso, Deus me ajudou [...] eu passei no 11º lugar, eu me lembro como se fosse hoje, na hora de preencher o gabarito eu nem sabia o que era gabarito, [...] passei em 11º lugar, matei a pau viu! Aí continuei trabalhando, aí trabalhei, fiquei quieta na Prefeitura até 70 anos, aí com 70 anos me aposentei. Oh gente é uma história muito bonita não é?

Dona Ana preserva sua autonomia até mesmo na hora de decidir o que aparece ou não em sua história de vida. Ela se orgulha de ter passado em 11º lugar no concurso mesmo sem estudos. Ela decidiu que essa parte de sua história é muito importante e que deve ser contada, ao contrário das partes que relatam muito sofrimento, as quais ela se lembra, mas não quer que seja contado: Ih, isso aí não põe não! Muitas coisas assim, que a gente passou de sofrimento nós não vamos por não! Em todo o percurso narrado sobre sua história Dona Ana se baseou

em experiências que teve ao longo da vida para guiar suas decisões. Ela agiu como agente de seu destino, mesmo quando a situação não era favorável a demonstrar sua autonomia. No próximo tópico serão apresentadas as reflexões finais desse trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo demonstrar como as experiências com o trabalho servem como guia para a narrativa de uma pessoa sobre sua história. A questão levantada pela pergunta de pesquisa foi confirmada pela narrativa de Dona Ana, a qual em todo o tempo se baseou em experiências com o trabalho para contar sua história. A começar pelo trabalho em casas de família, sendo o primeiro ainda na infância, mais tarde na lavanderia, depois na empresa de ônibus, no Hospital Santa Rita, na Câmara dos Vereadores e por último na Prefeitura de sua cidade foram pontos que nortearam a sua história de vida. Após a aposentadoria, Dona Ana não contou mais aspectos de sua vida, dizendo que após se aposentar só quer que apresente em sua história que pede a Deus saúde para curtir sua família.

Com as narrativas, percebeu-se que tanto a ergologia quanto os conceitos de formação de Adorno demonstram um posicionamento de resistência ao sujeito como prisioneiro seja de sua história determinada pelo meio, seja de sua formação determinada pelo sistema dominante, seja de seu trabalho determinado pela prescrição da tarefa. Dona Ana não teve estudos como ela mesma relata, mas isso não a impediu ser agente de seu destino e buscar evoluir em sua carreira. Isso se comprova com o fato de que ao aposentar, ela era concursada e ocupava um cargo de confiança. A História de Dona Ana vem quebrar modelos que pregam sobre o que é necessário ao sucesso profissional e mostrar como a experiência é importante para a formação do sujeito, como autônomo e emancipado.

Faz parte do método História de Vida dar o retorno ao depoente sobre como ficou a história, pois é uma construção conjunta, o pesquisador é co-participante. O trabalho partiu da demanda de Dona Ana por contar sua história e respeitou os seus desejos sobre o que retirar ou deixar. Esse trabalho mostrou a riqueza de uma História de Vida, que é singular, porém representa um coletivo social. Para futuros trabalhos sugere-se explorar outros aspectos, como gênero e identidade, além de sugerir a construção de outras Histórias de vida das muitas “Vovós Ana” que demonstram o desejo em contar suas memórias.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. Educação e emancipação, v. 3, p. 119-138, 1995.

_____. Teoria da Semicultura. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. In: *Revista Educação e Sociedade* n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, pág. 388-411.

ASSIS, L. B. Profissionalização ou Formação? Uma reflexão sobre a gestão social, a partir da certificação dos gestores públicos em Minas Gerais e nos Estados Unidos. *Tese*. Belo Horizonte, 2012. 231 f. (Doutorado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

BARROS, V. A.; LOPES, F. T. *Considerações sobre a pesquisa em história de vida*. In: Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional [recurso eletrônico] : uma abordagem teórico-conceitual / Eloisio Moulin de Souza (org.). - Dados eletrônicos. - Vitória: EDUFES, 2014. 296 p.

BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.

GAULEJAC, V. *História de vida: Entre sociología clínica y psicoanálisis*. In: GAULEJAC, V. MARQUEZ, S. R.; RUIZ, E. T. História de vida. Psicoanálisis y sociología clínica. México. Universidad Autónoma de Querétaro, 2006.

HOLZ, E. B.; BIANCO, M. F. Ergologia: uma abordagem possível para os estudos organizacionais sobre trabalho. *Cad. EBAPE*. BR, v. 12, Edição Especial, artigo 6, Rio de Janeiro, Ago. 2014. p. 495-512.

MAAR, W. L. *Introdução*. In: ADORNO, T. W. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MARRE, J. L. História de Vida e Método Biográfico. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, jan.- jul., p. 89-141, 1991.

MARTINS, G. de B.; VARGAS, R. A. de A. Dramáticas do uso de si: o trabalho do professor 'substituto' no ensino superior público sob o ponto de vista da Ergologia. *II Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*. Curitiba/PR, 15 a 17 de novembro de 2009.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. Reflexões sobre a Educação Danificada. In: ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. (orgs) *A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis/ São Carlos: Vozes/ UFSCAR, 1998.

SCHWARTZ, Y. *Travail et usage de soi*. In: Je, sur l'Individualité. Paris: Messidor, France, 1987.

SCHWARTZ, Y. *Reflexão em torno de um exemplo de trabalho operário*. Trad. Jussara Brito et alli. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (orgs.). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói (Brasil): Editora da UFF. (2ª. edição revista e ampliada), 2010. p. 37-46.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. *A linguagem em trabalho*. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010a. 131-148 p.

_____. *Trabalho e uso de si*. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010b. 189-204 p.

SILVA, A. P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. *Mosaico: Estudos em Psicologia* (UFMG. Impresso), v. 1, p. 25-36, 2007.

ZUIN, A. A. S. *Seduções e Simulacros: Reflexões sobre a Indústria Cultural, Reprodução e Resistência em Educação*, São Carlos: UFSCAR, 1992.